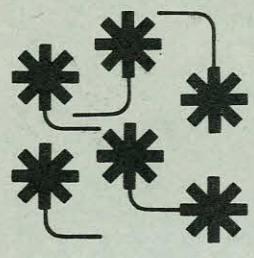
ARTUR MODESTO

páginas do meu CADERNO

— poesía —



EDITORA SEMENTEIRA

1978

À GUISA DE INTRÓITO

Não têm estas simples rimas ou palavras sem nexo aquele sabor poético que tanto desejava, essa beleza tão grande que faz do poeta o maior dos artistas. Não são também aquela roseira florida onde tudo são pétalas exalando perfumes. São, isso sim, as minhas rimas em bruto ou palavras sem nexo, o pranto, a dor que me acompanha desde menino e moço; elas são a angustia, o desespero de quem vive à margem das leis humanas, amordaçado e sem direitos.

São ainda estas linhas, rudemente escritas, o desabafo dum coração que sofre ante a maldade do homem, esse bruto que passa pela terra, manchando-a de sangue numa onda vertiginosa de loucura, roubando ao seu semelhante a alegria de viver.

Quanto eu quizera possuir recursos que me permitissem transportar ao papel um pouco de tudo que me vai na alma, sem atropelos a métricas, sem mutilar gramáticas! Mas o mundo torcido em que nasci, fechando-me as portas das escolas, amarrou-me a uma tripeça quando ainda cheirava a fraldas fazendo-me trabalhar dia e noite, negando-me assim o que há de mais belo na existência humana, a cultura.

Quando penso nesta gruta negra onde sou forçado a viver, maior é a repulsa que sinto por este mundo, que só a maldade humana soube construir. Mas porque não possuo aqueles recursos que tanto desejava, não poderei maldizer a condição de escravo que me foi imposta por uma casta que não tem razão de existir?

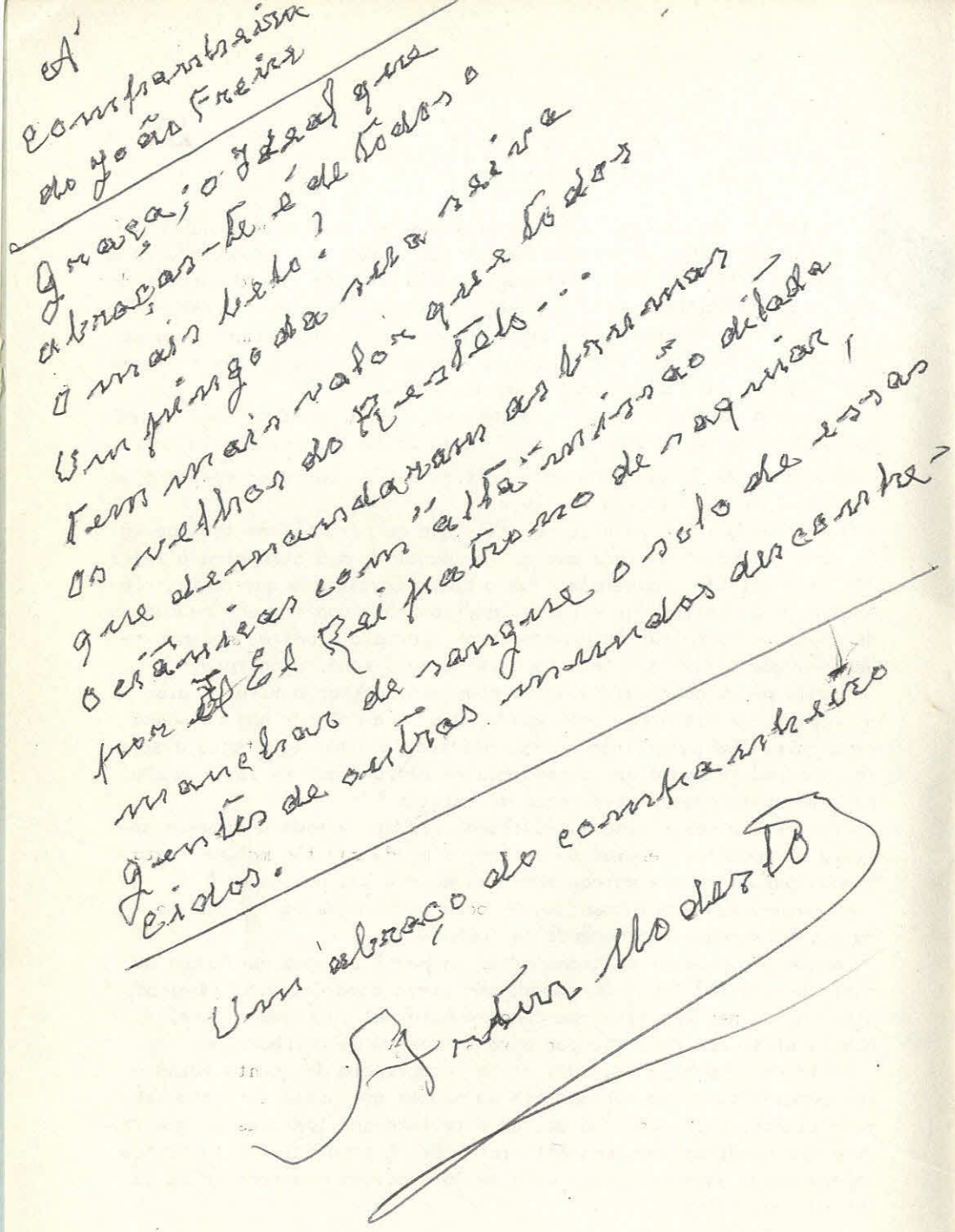
Como célula desse braço gigantesco criador de toda a riqueza social, não poderei rebelar-me contra um mundo que tão mal me trata, usando para isso dos parcos recursos de que sou possuidor?

Oh praxes metrico-gramaticais! para que vindes martirizar-me mais o pensamento amordaçando-me também?

Porque não poderei eu transportar ao papel os meus queixumes de pária sem sorte? Não, não posso, não quero obedecer-vos! Obedeço, sim, mas ao meu espírito ofendido, embora mal cultivado. Direi quanto sinto sem me preocupar a vossa boa ou má colaboração.

Fa-lo-ei de cabeça erguida, com a consciência de quanto valho e sem receio dos risos sarcásticos de alguem que possa ler esta simples linhas, pois elas são apenas o reflexo das torturas de quem vive uma condição desumanamente inferior. E para maiores tormentos da sua alma, sabe muito bem onde estão a origem e o remédio de todos os seus males.

ARTUR MODESTO



1934

Secaram as fontes
A flora está nua
Ha crimes aos montes
Ha sangue na rua
Não há luz na terra
É negro o luar
O monstro em guerra
Sempre a devorar
Há pelos caminhos
Gemidos e ais
São os pequeninos
Que choram seus pais
Ha aves sem ninho
Há lares sem pão
P'lo negro caminho
Somente o vilão
Dentolas cerradas
Olhar esfaimado
Ás suas patadas
É tudo esmagado
Esmaga pensamento
Direitos humanos
De sangue sedento
É lei dos tiranos!!!
Oh chacal imundo
Oh monstro sem alma
Nos crimes do mundo
Tu levas a palma.

Algures

Fevereiro 1934

GEMIDOS SECULARES

Arrastando pesada cruz
Eu caminho há tantos anos
Sob a verdasca dos tiranos
Como a lenda de Jesus.
A minha voz é abafada
Pela fúria do vilão
E a luz forte da Razão
Nas bastilhas torturada.
Velhos costumes, duras leis
São os códigos infernais
Impostos pelos brutais
Dos dinheiros, Cristos e Reis.
De gerações e gerações
O mal em loucas cavalgadas
Impõe a cruz esgrimindo a espada
Brazão de civilizações
De cadáveres cimentadas.
Nada possuo, nada mereço
Dos reis da mina, da fornalha
Sim; um só prémio: a metralha
Pelos faustos que ofereço.
De pensamento atrofiado
Pela penumbra, vou andando
Milhentos cardos vou pisando
Eternamente condenado.

Conquistados além na França
Que fizeram dos meus direitos
Por que deram sangue mil peitos
Na hora da boa esperança?
São nas furnas dos Vaticanos
Nos salões alcatifados
Meus direitos espezinhados
Pelas patas de desumanos
Padres, Barões e Marechais
A triologia infernal
Símbolos de todo o mal
Desses poderes ancestrais!

Óh, que brutais são meus tormentos!
Tento libertar-me, não posso!
Falta-me luz, pesa-me o dorso,
Sinto presos os movimentos.

Basta de tanta escravidão!
Dá-me o calor da Nova Aurora
Óh Luz do Porvir que demoras
A hora da libertação!

Ausente 1935

PLUMAS NEGRAS

Piam mochos, chiam c'rujas
Lá no alto de S. Bento,
Esse bando agoirento
De plumagens negro-sujas,
Piam, piam sob cruzes
Exibindo ares graves...
Negando a outras aves
Doutros sois suas luzes.
Nos escuros os seus ninhos,
Escuros seus pensamentos
Lá fecundam os tormentos
Dos humildes passarinhos.
Plumas negras assassinas
A seu mando vão agindo
Os ninhos vão destruindo
Essas aves de rapina.
Abutres e gaviões
Penas de garras sangrentas
Vão espalhando tormentas
Rugindo como leões.
Nas gaiolas vão mantendo
Outras presas já despertas
Nas paliçadas desertas
Outras aves vão morrendo.
Óh agoirentos, julgais
Que serão vossos processos
Que detêm os progressos
De tão nobres ideais?
Para quê tanta maldade
Tanta lama, tanto crime!
A história não redime
Tal bando sem piedade.
A justiça há-de chegar
Com pena de Talião!
Nas cinzas do turbilhão
Outra luz há-de brilhar.

Calai-vos ó rouxinóis,
Esquecei vossas melodias!
Para lá das sacristias
Aquecei-vos noutros sóis!

Inocente passarada
Unidos, formai barreira
Para as lavas da fogueira
A "terrivel" bicharada!

Algures 1936

QUEM ME DERA!

Ai quem me dera se menino,
Viver longe, lá nos outeiros!
Cego com vista, qual suino,
Não conhecer tão maus parceiros,
Não ver a pobre mocidade
Tão mansamente caminhando
No âmago da tempestade
Que suas vidas vai ceifando.
Não pensar para não sentir
O mal que gira a minha volta.
A pó o mundo reduzir
Ou fauna que vive a solta.
Poder lançar aos quatro ventos
A luz dos novos ideais,
Seiva de nobres sentimentos
O túmulo dos cardeais.
Erguer o facho do porvir,
A luz sublime da Verdade,
Da sua chama ver surgir
A tão sonhada Liberdade!

Além Tejo 1937

HERANÇA DIVINA...

Às santas almas doiradas
Deus lá dos céus enviou
Cofres, cruzes e espadas.
Aos simples que escomungou
"Divinamente" legou
A lama das caminhadas.

?

Não sei dizer o que sou
Mas sei aquilo que sinto!
Sei que Deus me condenou
A viver num labirinto
Onde a loucura impera
Onde o mal está previsto
O "bom senso" uma quimera
Traídas as leis de Cristo.

QUEIXUMES DUM PARIA

A minha sorte morreu
Quando do ventre saí.
Mas porque não morri eu
No momento em que nasci!

Para viver esta vida
Não vale a pena nascer.
Como é dura a minha lida!
Chama-se a isto viver!

Sem ter lar e sem conforto
Retalhado o coração.
Meu caminho é sempre torto
Falo, não tenho razão!

É a sorte traiçoeira
Aos humildes que nasceram
P'ra sofrer a vida inteira
Dum mal que outros fizeram.

Quando soará o dia
Que livre possa dizer.
Hoje, tenho alegria
Tenho pão para comer!

ORAÇÃO DO VELHINHO

Alquebrado, sem alento
P'las torturas do caminho
Saco velho fedorento
Junto à fonte ora o velhinho

Benditas sejam as fontes
As sobras onde me deito
Bendita a relva dos montes
Que tenho para leito

Bendito seja o luar,
As pedras onde me sento
Cansado de caminhar
À chuva, ao frio e ao vento

Bendito o divino sol
O manto dos malfadados
Que têm para lençol
As palhinhas dos eirados

Maldita sejas, ó vida
Dos que nascem sem ter sorte
Que vagueiam sem guarida
Sem ter pão, sem lei, sem norte.

SONHANDO OUTROS SÓIS

Ó rolinha que cantais
As risonhas primaveras
Voando p'los siderais
Em busca de novas eras.
Quem tivera asas tuas
Teu ninho a minha morada
Caminhar vias nuas
No alvor da madrugada.
Lavar-me nas orvalhadas
Cantando hinos d'amor
Longe das encruzilhadas
Feitas de pranto e dor.

OLHANDO O PÔR DO SOL

Nas brisas aladas dos verdes montes
Caído nos braços da mãe natura
Eu beijei, sonhando, tal virgem pura
Olhando o pôr do sol nos horizontes.
As sombras doiradas beijando as fontes
O caminheiro de cor das laranjas
Escondendo as suas doiradas franjas
Ao longe, para lá dos verdes montes

ACRACIA

Nas águas daquela fonte
Lavei
Minha alma juvenil,
Que já não volta.
Águas inquinadas
Recusei...
Por não serem as águas
Cristalinas
Daquela fonte
Que abracei!

SEMENTEIRA

Sementes de séculos
Lançadas à terra
Por gentes humanas
Hão-de florir.
A guerra santa
Que nas hostes tiranas
Os vermes espanta
Vem caminhando,
Pela terra espalhando
A luz do porvir.

NATAL DO PRISIONEIRO

Nas garras da dura lei
O rebelde, encarcerado,
Pensando na sua grei
Lembrou o seu lar amado.
Duramente torturado,
Nas sombras da enxovia
Excomungou aquele dia,
Dia de "Deus Baco" assinalado.
E neste palco de feira...
Viu a pobre companheira
Com os seus quatro rebentos
No casebre, sem lareira
E bradou aos quatro ventos:
Natal! Natal!
Que cruel és!
Não ouves os famintos
Gemendo a teus pés!?
Vai-te velho barbudo!
Em vez de Natal,
Porque não te chamas
Entrudo
Vai-te falso amigo
Leva contigo
A hipocrisia,
"Corvos" e tudo
No mesmo dia!...

A LUTA EM MARCHA

Não há cutelo que corte
Folhas a nova semente
Já que a acha do mais forte
Vai ruindo lentamente.

Saem os gritos de guerra
Do servo, branco ou preto
Que bradam por toda a terra
O seu direito de veto.

O povo trabalhador
Não aceita a opressão
Marcha contra o opressor
Aos gritos de revolução

A mulher escravizada
No mesmo pé de igualdade
Ergue na santa cruzada
O pendão da liberdade.

Cavaleiros do futuro
Em destemidos corcéis
Vão desbravando o monturo
Desses destinos crueis.

Destruir p'ra construir
É sua nobre missão
Como forças do porvir
Na guerra da redenção.

O 'stado e as camarilhas
Hão-de rolar pela terra
À luz de novas cartilhas
A razão da nossa guerra.

Pão, justiça, igualdade!
Jamais a lei do mais forte!
Pelo sol da liberdade,
Contra o reinado da morte!...

É esta a primeira obra trazida a público pela Editora Sementeira. O facto de se tratar de uma colecção de poemas de um filho do povo, operário sapateiro e militante anarco-sindicalista, já diz alguma coisa sobre as nossas intenções: diversidade e abertura, procurando dar mostra da variedade de abordagens e expressões das ansiedades humanas.

Composto e impresso na oficina
da Editora Sementeira, s.c.a.r.l.
Lisboa, em Dezembro de 1978
Tiragem: 1000 ex.

A IDEIA
Publicação Periódica
Apartado 3122
1303 LISBOA CODEX

MOSCA